

**Espaço Urbano e Religião: sobre a espacialidade Evangélica e a dinâmica pentecostal na Baixada Fluminense**

André Santos da Rocha

Docente do Departamento de Geografia e do PPGGEO-UFRRJ.

[asrgeo@gmail.com](mailto:asrgeo@gmail.com) / [asrgeo@ufrj.br](mailto:asrgeo@ufrj.br)

**RESUMO:**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de expansão religiosa dos evangélicos na Baixada Fluminense, enfatizando no segmento pentecostal. Buscando apontar suas origens e sua espacialidade no espaço urbano, a partir de uma investigação bibliográfica e dados oficiais disponibilizados IBGE - Censo 2000 e 2010. Entendemos que o espaço e a religião se tornaram um binômio cada vez mais nítido na organização espacial das cidades, em especial, em áreas de extrema carência de infraestrutura. Tais manifestações se propagam via uma simbiose entre práticas sociais e perspectivas simbólicas, que apoiadas em uma reestruturação econômica e política na cidade abrem espaço para o aparecimento de novos templos. Nas últimas décadas do século XX presenciamos o avanço surpreendente dos evangélicos no Brasil bem como em vários países da América Latina, África e Ásia. O que torna de suma importância o reconhecimento da lógica espacial da constituição de templos, bem como entender a evolução dos evangélicos, em especial dos pentecostais na periferia urbana do Rio de Janeiro [a Baixada Fluminense], uma vez que esta é uma das principais áreas de concentração de evangélicos pentecostais no Brasil

Palavras-chave: urbano, religião, evangélicos, pentecostais, Baixada Fluminense

**GT – 10: “Práticas culturais na produção da cidade”**

## 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS.

A relação entre espaço e a religião tem se revelado nos últimos anos de forma mais nítida na organização espacial das cidades. Essa relação se estabelece desde as manifestações religiosas que se apegam as trajetórias simbólicas (CORREA & ROSENDHAL, 2006), promoções de rituais que tomam as formas urbanas como estruturante (CORREA, 2008), ou mesmo na personificação e fixação na paisagem urbana e na construção de novas articulações sociopolíticas (DAVIS, 2004).

A percepção desta relação tem se manifestado de forma mais veemente no espaço urbano em áreas de áreas de extrema carência de infraestrutura, em especial se tratando do fenômeno evangélico no Brasil. Tais manifestações se propagam via uma simbiose contida em práticas sociais (CERTEAU, 2009) e perspectivas simbólica [enquanto base cultural-religiosa], que apoiadas em uma dinâmica econômica e política na cidade abrem espaço para o aparecimento de novos templos (DAVIS, 2004).

No Brasil, apesar da predominância do catolicismo, o censo demográfico do IBGE registrou, entre 1991 e 2000, a diminuição da proporção de católicos, em contrapartida, o aumento dos evangélicos que passaram de 9% da população, para 15,4% em 2000 e 22,2% em 2010. Em termos absolutos significa que os evangélicos somavam 12 milhões de fiéis, em 1991, e 26 milhões, em 2000 e 42,3 milhões em 2010.

Os evangélicos compõem um grupo bastante heterogêneo, nos dados levantados pelo IBGE no censo de 2010, percebemos que ele divide esse grupo religioso em três segmentos:

[a] missionais – entendendo um misto conjunto de igrejas históricas de base de teologia reformada protestante [como Batistas, Metodistas e Presbiterianos] com outras denominações, como a Adventistas que possuem vertentes divergentes das históricas, porém que não se enquadra na vertente pentecostal. Esse grupo é normalmente marcado por uma posição teológica definida e com uma estrutura organizacional mais rígida, onde seus quadros passam por uma formação sistematizada.

[b] pentecostais – Neste grupo são consideradas todas as igrejas que creem em tipos de manifestações espirituais (milagres, curas, dons de línguas, profecias, entre outros dons), normalmente são associados ao dom de glossolalia – “línguas espirituais” ou popularmente chamada de “língua dos anjos”. Assumem neste bloco igrejas já consolidadas como a Assembleia de Deus e a Deus é Amor até as ditas neopentecostais, que introduzem como parte intrínseca a “doutrina da prosperidade”, à exemplo a igreja Universal do Reino de

Deus, ou mesmo vertentes de “teologia leiga”<sup>1</sup> que permite uma ampla difusão sobre o território que assumem denominação de igrejas tradicionais do ramo pentecostal porém sem compor grandes convenções.

[b] “não determinada” - entendemos que diante de uma pluralidade de vertente teológica, que em sua maioria consideramos ser “teologia-leiga”, e também por base de costumes e regras internas diversas, podem permitir e imprecisão de qualificação de uma dada “igreja”. Neste sentido, a vertente “não determinada” pode abrigar pessoas integrantes de igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal ou mesmo missional. Um outro ponto está a baseado na crítica da coleta do Censo que enquadrou neste ramo qualquer pessoa que se disse “evangélica” (GRACINO JUNIOR, 2013) ou mesmo enquadrando neste item os “evangélicos nominais” (SOUZA SANTOS, 2018)<sup>2</sup>

O retrato desta heterogeneidade, evidenciada no censo de 2010, revela que do total de evangélicos 60 % eram pentecostais, ou seja, aproximadamente 25,3 milhões. Se observarmos a incidência desta crença nas grandes Regiões brasileiras, destaca-se a Região Sudeste, principalmente por ser a mais urbanizada do país, concentrando cerca de 48% dos evangélicos.

Se pensarmos em uma projeção regional, região Sudeste as grandes cidades são as que mais concentram os seguimentos evangélicos, principalmente os pentecostais, o Rio de Janeiro (ALVES, CAVENAGHI, BARROS, 2014). Se analisarmos os espaços urbanos, as áreas mais desprivilegiadas economicamente, as de menor capacidade técnica e científica, são aquelas em que a incidência evangélica é mais expressiva. No estado Rio de Janeiro os dados disponíveis apresentam a Baixada Fluminense como a área de relevante destaque no que tange religião evangélica, em especial do segmento pentecostal (ROCHA, 2008).

A Baixada Fluminense sempre esteve em destaque no cenário brasileiro e no estado fluminense. Seja pela função histórica que obteve no período colonial (OLIVEIRA, 2004) seja pela demarcação de sua imagem como área periférica negligenciada pelo poder público, sendo estigmatizada a colocando como lugar da pobreza, miséria da violência social (ENNE, 2002; ALVES, 2003). Mesmo que hoje existam debates que situem essa região como lugar de trabalho e

---

<sup>1</sup> que consideramos sendo aquela que se baseia na livre interpretação da bíblia, sem uma “formação letrada” de origem de seminários e faculdades reconhecidas pelo MEC ou por denominações evangélicas tradicionais, revela uma certa imprecisão em posicionar a vertente da qual a igreja está assentada

<sup>2</sup> Os evangélicos nominais seriam aqueles que embora se dizem evangélicos não praticam a fé, podem ser tanto os “desviados” que se ausentaram nas igrejas ou simpatizantes que se aproximam da religiosidade sem uma efetiva prática religiosa.



evangélica permitem a expansão desta religiosidade no que tange ao aparecimento de novos templos na Baixada Fluminense? Quais são os desdobramentos desse crescimento religioso evangélico na dinâmica de cidades da Baixada?

No intuito de tentar responder esse questionamento, direcionamo-nos a discutir em primeiro lugar as possíveis relações entre urbano e o crescimento evangélico, fazendo observações sobre o segmento pentecostal

## 2. URBANO E OS EVANGÉLICOS - UM OLHAR SOBRE O PENTECOSTALISMO

O urbano é uma dimensão cada vez mais presente da sociedade moderna (LEFEBVRE, 2004) que em sua estrutura física e econômica encaminha para uma crise (DAVIS, 2004) que é síntese também da crise estrutura da sociedade capitalista. Associadas a essa crise urbana estão à expansão da violência e do medo nas cidades, crise econômica e o desemprego estrutural que desencadeiam um verdadeiro empobrecimento urbano na produção de áreas hiperdegradadas. Área essas que marcam o crescimento em massa dos evangélicos, em especial do segmento pentecostal (RIVERA, 2010).

Para Paulo Barrera Rivera (2010), as igrejas evangélicas pentecostais assumem um papel importante como mediador dessa crise no urbano. Funções sociais são comumente desempenhadas pelas igrejas no que tange a inibição da violência, no resgate social de muitas famílias e, também, na construção simbólica de solidariedade construída entre os membros destas comunidades. Segundo Novaes (2001) a expansão religiosa dos pentecostais não se restringem as camadas menos favorecidas, tendo alcançados os níveis sociais, e tomado um papel importantíssimo na mobilização política no Brasil, e é considerada por Mike Davis (2004) a instituição capaz de mobilizar socialmente muitas pessoas no urbano.

A espaço-temporalidade dos evangélicos pentecostais tomam, por sua vez, a possibilidade de ocupação de diferentes espaços. Ruas, antigos bares e casas de show, vagões de trens, até mesmo casas de prostituição são espaços onde de se podem constituir novos templos a partir de sua lógica simbólica religiosa. A precariedade do espaço urbano, associada com o fenômeno de invasão sucessão, coloca em evidência sua territorialidade fugaz, que está na raiz dos preceitos organizacionais das igrejas pentecostais.

Desse modo, para prosseguimos com nossa análise, ainda se faz necessário pensarmos a forma fugaz da territorialidade pentecostal (MACHADO, 2000), juntamente com sua concepção

espaço-temporal que se revela como elemento fundamental para o aparecimento de novos templos no urbano para depois apontarmos alguns dados presentes no censo de 2010 para alguns municípios da Baixada Fluminense e analisando o processo de constituição de novos templos na Baixada Fluminense – que é uma periferia urbana.

### **3. ESPAÇO-TEMPORALIDADE EVANGÉLICA PENTECOSTAL E SUA TERRITORIALIDADE FUGAZ**

O termo pentecostal possui referência no acontecimento bíblico que se refere ao dia de pentecostes<sup>3</sup> “descida do espírito santo sobre os apóstolos”. Este grupo se particulariza pela crença no “[...] batismo com Espírito Santo, que se manifesta na vida do crente através de uma mudança de orientação (santificação) e mais concretamente pela capacidade de falar em línguas estranhas (glossolalia)” (SANTA ANA apud RODRIGUÉZ 2005, p.1). Tais crenças nos transportam à manifestação simbólica do sagrado, que neste caso espelha o que Eliade (1962) chama de “Hierofania”, para elucidar a manifestação do sagrado em objetos e pessoas.

O pentecostalismo é caracterizado por ser uma religião de massa, isto é, que não distingue classe social, sendo oriunda de um movimento de renovação do protestantismo europeu e norte-americano que sofreu consideráveis alterações no interior da cultura brasileira. Além de que, foi no Brasil que teve êxito e desenvolvimento marcante, se expandindo atualmente por toda parte do mundo em especial à América Latina.

Segundo Davis (2004) a origem do pentecostalismo está associada, pelo menos em sua dimensão espacial, aos espaços de bairros pobres o que lhe concede uma dimensão privilegiada para o entendimento de sua expansão e sua rede de ação em áreas urbana hiperdegradadas (*slums*), que se alastram por todas as Cidades do “*terceiro mundo*”. ainda, Davis (ibdem) afirma que cerca de 10% população na América Latina seria adepta ao pentecostalismo.

Os pentecostais são um vertente do protestantismo, marcados por uma estrutura não coesa no que se refere à unidade administrativa, convertendo-se em várias denominações (igrejas) entre elas as principais estão: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Nova vida, Deus é Amor, Maranata, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça, Casa da Bênção, entre outras denominações menores.

Sobre a origem do pentecostalismo no Brasil Machado (1997 (a), p.40) nos diz que:

*“As primeiras denominações pentecostais que surgiram foram a Congregação Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus. A congregação Cristã nasce da cisão de evangélicos presbiterianos em 1911, no bairro do Brás/São Paulo, e a Assembléia de Deus resulta da dissidência de evangélicos batistas, em 1911, em Belém do Pará.”*

O sucesso desempenhado por tais igrejas se concentra na maneira “espontânea” em que elas se manifestam no espaço. Sua organização interna é bem menos rígida que as igrejas evangélicas tradicionais. Sob a tutela de uma hierarquia centralizada / descentralizada se aprofunda no território constituindo uma verdadeira rede de ação religiosa. O uso de uma crença acessível a todos também é um fator definitivo para entendermos o porquê do crescimento vertiginoso dos pentecostais no Brasil e na Baixada Fluminense.

O sucesso desempenhado pelas igrejas pentecostais está ligado à manifestação espacial de sua religiosidade através da abertura de seus templos de forma bastante especial, que se revela de forma não abrupta, que obedecem a uma forma flexível, lógica e informal.

Existe uma espécie de hierarquia de seus templos que corresponde, a igreja matriz ou mãe, congregação - igrejas filiadas. A difusão e a territorialidade estão, portanto, vinculadas ao crescimento de tais, “portões da fé”. É salutar esclarecer, que a abertura de seus pontos para difusão da fé, não são premeditados e sua “*territorialidade é marcada pela descentralização de decisões e por uma informalidade que facilita de maneira considerável a difusão dessa crença no espaço*” (MACHADO, 1997(b), p 230). Essa **Territorialidade Fugaz e informal** apontado por Mônica Sampaio Machado se expressa como resultado da combinação das manifestações do sagrado com o espaço (GIL & GIL, 2001).

É a relação entre a prática religiosa fundamenta na existência de uma manifestação do sagrado pela presença do divino ao redor daqueles que o seguem (praticantes), postulados pela essência “*onde estiverem dois ou mais reunidos Ele estará presente*”<sup>4</sup> apoia a espaço-temporalidade fugaz apontada por Machado. Pois a organização hierárquica descentralizada que se baliza no postulado de que o “divino se manifesta na presença daqueles que o seguem”. Logo, não importa a rigidez do templo físico, mas a manifestação corpórea dos crentes, que permite com que espaços reconhecidos como profanos, possa se tornar, mesmo que temporariamente, espaços sagrados.

---

<sup>4</sup> Trecho bíblico é resgatado por muitos “crentes pentecostais” sobre a justificativa da ação religiosa para dinamização de cultos, que pudessem ser realizados em qualquer espaço temporalidade.

Neste sentido, o aparecimento repentino de templos que se iniciam pelos pontos de pregação<sup>5</sup>, no que tange à apropriação de espaços profanos como casas, bares, banheiros públicos, oficinas mecânicas e até vagões de trem, para difusão de sua fé lembrando sempre a ideia da simbiose do “espaço sagrado e o espaço profano” (ROZENDHAL, 2002).

Destarte, essa territorialidade fugaz do pentecostalismo é que nos permite pensar uma maior facilidade na difusão religiosa em detrimento aos outros grupos cristãos tradicionais, como o Catolicismo e mesmo os evangélicos missionais, que mantêm uma estrutura de territorialidade rígida (RODRIGUEZ, 2005). Outro fator considerável se refere a sua hierarquia interna, no que tange a formação de seu quadro de líderes, que dependendo da denominação as formas de se constituir uma liderança são bastante flexíveis dependendo do “chamado divino”, que muitas vezes não requer uma formação teológica comprovada (ROCHA, 2008).

A igreja muitas vezes exerce além da função religiosa uma função social que serve de amenizador dos problemas que afligem grande parte da sociedade, formando uma espécie de “*rede de resolução de problemas*”. Outrossim, não podemos ignorar as relações de poder existentes que recriam nos espaços municipais lógicas de poder (BIRMAN & MACHADO, 2012), marcando por exemplo alterações nas estruturas de representação políticas que são capazes de expressar alterações em calendários festivos nas cidades, ou mesmo na criação de monumentos. Neste sentido, a análise da expansão evangélica na Baixada pode servir de pistas para avaliar essas imbricações no espaço urbano nas periferias.

### **3. As espacialidades Evangélicas-Pentecostais na Baixada Fluminense - algumas desdobramentos sobre o urbano.**

Podemos tomar como um dos marcos da chegada dos evangélicos e do pentecostalismo na Baixada Fluminense a década de 1920, que contou com abertura da Primeira Igreja Batista de Nova Iguaçu [PIBANI] (1922) e com a fundação da Igreja Assembleia de Deus no Município de Belford Roxo (1925), quando este ainda era distrito do município de Nova Iguaçu. Segundo Almeida (1982), os pioneiros da Assembleia de Deus em Belford Roxo foram José Cajazeiras Canarino Varjão o qual realizava os primeiros cultos ao ar livre, o que trouxe uma “admiração na

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por muitas igrejas pentecostais, em especial a assembleia de Deus para designar espaços onde possa iniciar um trabalho de evangelização. Usualmente utiliza-se casa de membros da igreja, antigas lojas, oficinas mecânicas etc.

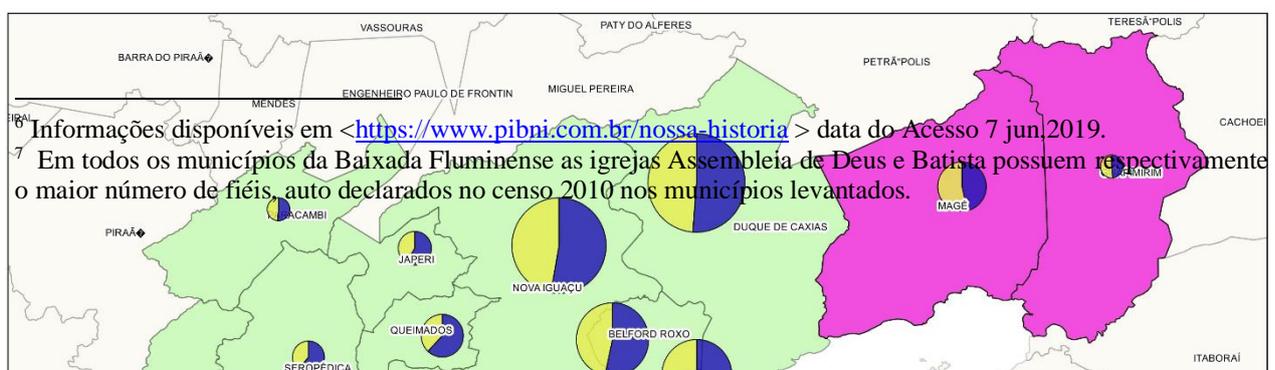
localidade” pelo fato de os cultos serem realizados ao ar livre. Já PIBANI, foi fundada a partir de missionários oriundos da igreja Batista de Engenho de Dentro (cidade do Rio de Janeiro)<sup>6</sup>

Destaca-se a dificuldade de obtenção de fontes que permitam captar informações com maiores detalhes do espraiamento de templos evangélicos missionais e pentecostais na Baixada, todavia, percebemos que a difusão da denominação Batista e da Assembleia de Deus e o desdobramento destas em outras denominações e segmentos histórico e pentecostais podem ser afirmados pelo grande número de adeptos destas denominações que são expressadas nos Censos de 2000 e 2010<sup>7</sup>.

De todo modo o segmento evangélico encontra na Baixada Fluminense um cenário ótimo para sua manifestação. Em primeiro lugar por ser marcado pela condição de periferia urbana desprovidas de diferentes políticas culturais e de infraestrutura urbana e em segundo lugar por ter pequenos incentivos para a dinamização de espaços culturais, que levou nos últimos anos a uma verdadeira funcionalização de espaços comerciais, antigos cinemas, teatros e outras formas para o funcionamento de templos religiosos – prática muito comum de uso das igrejas pentecostais. Além de possuir enormes déficits na estrutura social no que tange saúde e educação, sendo oportuna a expansão religiosa que ocupa, em muitos casos, a função social de amparo dos problemas estruturais presentes em alguns municípios.

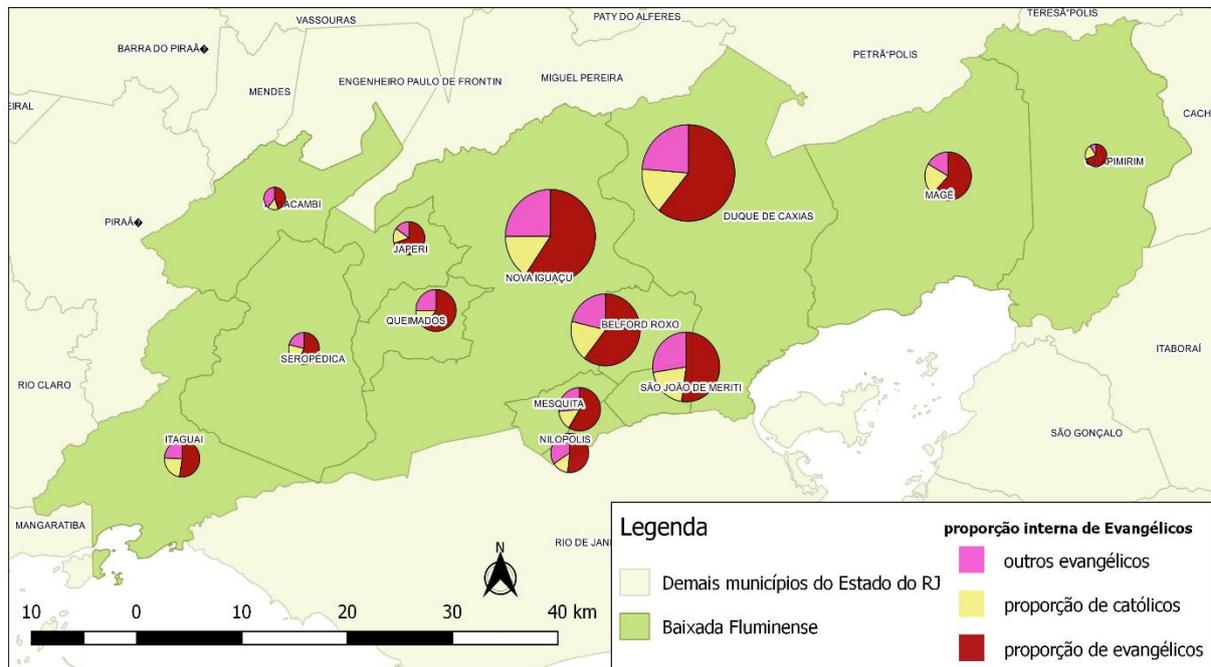
O reflexo deste crescimento já era percebido nos dados IBGE (2000) sobre a religiosidade em alguns destes municípios, onde se pode constatar que havia uma pequena diferença entre a crença católica e a evangélica, como são os casos especiais de Japeri 3,92%, Queimados 5,71%, Belford Roxo 8,21% e Seropédica 2,82%. Outrossim havia municípios que o percentual da representatividade evangélica em relação à população total já ultrapassava 30 % como são os casos de Belford Roxo (30,01%), Nova Iguaçu (29,11%) e Duque de Caxias (27,40%). Esses números ganham ainda mais corpo se comparados aos dados do censo de 2010, onde os valores absolutos no somatório dos 13 municípios revelam 1.349.111 de evangélicos para 1.246.049 católicos. Outrossim, já é possível apontar municípios que o percentual de evangélicos no universo interno de municípios é superior ao de católicos [ver mapa 2]

## Mapa 2 - Diferença e proporção entre Católicos e Evangélicos na Baixada Fluminense



Conforme indicado no mapa 2, com base nos dados disponibilizados do Censo IBGE 2010, os municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, Japeri, Queimados, Seropédica, Itaguaí e Paracambi, já apresentam um percentual de evangélicos superior ao de católicos, tendo apenas os municípios de Nilópolis, São João de Meriti, Magé e Guapimirim com maioria católica. Quando é analisado o perfil, entre os evangélicos, é notadamente o segmento pentecostal possui maior relevância, conforme mapa 3.

**Mapa 3 - Proporção entre evangélicos na Baixada Fluminense**



Marcadamente, em todos os municípios a maioria evangélica é pentecostal. Podemos resgatar aqui alguns apontamentos: constituição de templos pentecostais, mesmo nas áreas centrais destes municípios se encontra numa constante crescente; a forma de organização interna mais flexível permite uma maior capilaridade no território e por último a organização teológica muitas vezes autônoma permite a “auto formação” de lideranças desempenham funções de propagação e difusão do evangelho; e a função social e simbólica que marca dinâmicas de sociabilidades nas periferias. De todo modo, as reverberações deste crescimento evangélico, em especial do pentecostal, no espaço urbano possuem diferentes dimensões.

A primeira consistiria na própria na morfologia da paisagem, conforme apresentado anteriormente, o espaço-tempo da territorialidade fugaz das igrejas pentecostais permite com que a constituição de novos templos ocorra de maneira precoce e a depender da denominação e do tipo associativo, esse pode se constituir com impacto simbólico na paisagem urbana precarizada [figura 1] ou mesmo se confundir usando pequenos estabelecimentos, dando um novo uso, a imóveis no solo urbano [figura 2]. Estes últimos consolidam a noção de territorialidade fugaz (MACHADO,1997a), pois podem rapidamente mudar de local ou mesmo inexistir.

Figura 1 - Templo da Igreja Universal, localizado na área central de Nova Iguaçu.



Fonte: PRECON. Data do Acesso: Disponível em < <https://preconprefabricados.com.br/portfolio-posts/igreja-universal-do-reino-de-deus-nova-iguacu-rj/> > 6 julho de 2019.

Figura 2 – Fotografia de templo de Igreja de evangélica pentecostal em bairro popular localizada em Mesquita, RJ



Fonte: Autor, julho 2019

A segunda reverberação entre esse segmento religioso evangélico e o espaço das cidades está associada a constituição de novos símbolos culturais, para além das construções de “templos-monumentos”, temos também ações que materializam a cultura nas “políticas de paisagem”, tal como destaca Cosgrove (2000) se fazendo presente de forma emergente na cidade contemporânea. A exemplo, a articulação política e força entre os evangélicos tem demandando a constituição destas formas-simbólicas, como o Monumento à Bíblia inaugurado em 2015 no município de Mesquita. [Figura 3]

Figura 3 – “Monumento à Bíblia” localizado na Praça Elizabeth Paixão em Mesquita, RJ



Fonte: BLOG – Plantão de Mesquita.

A constituição dessas formas-simbólicas no espaço da cidade, indicam conjuntamente uma terceira reverberação, a dimensão político-ideológica religiosa nas cidades. Esta pode ser fundamentada na demanda cada vez maior de uma representatividade política, marcada por aquilo que se chama “bancadas evangélicas”. Essas são constituídas por pessoas que possui conexões religiosas e buscam sua base eleitoral em reuniões (cultos) das comunidades evangélicas. Outrossim, mesmo que alguns políticos não possuam filiação direta religiosa, acabam por

incorporar uma linguagem “códigos simbólicos” a fim de agenciar uma o apoio evangélico. Um exemplo desta estratégica pode ser percebida na própria fala do antigo prefeito de Mesquita (RJ) na ocasião da inauguração do monumento à bíblia:

Durante o evento, o prefeito Gelsinho Guerreiro inaugurou o Monumento à Bíblia, com a colocação do livro sagrado aberto no Salmo 91, com pombas brancas ao redor, simbolizando a paz, na Praça Secretária Elizabeth Paixão. Durante o evento, que reuniu várias autoridades municipais e líderes religiosos, o prefeito agradeceu pelas famílias e citou o Salmo 56, um pedido de misericórdia que fala da confiança em Deus e clama por proteção contra os inimigos<sup>8</sup>

Assim como esse exemplo, que se manifesta organizando a dimensão políticas das cidades nesta periferia urbana, podemos destacar a criação de datas simbólicas, exemplificado no que é conhecido popularmente como o “dia do evangélico”<sup>9</sup>, comemorado no dia 02 de abril na cidade de Seropédica e que se constitui como um feriado municipal. Esse exemplo, manifesta o interesse de grupos religiosos na demarcação das estruturas de poder, reiterado por um feriado municipal, que permite a manifestação “festas religiosas” e reitera os múltiplos impactos da expansão desse segmento religioso no urbano periférico.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apontar algumas considerações sobre o avanço dos evangélicos na região periférica da Baixada Fluminense, apontando como o semente pentecostal tem relevância neste avanço, sobretudo porque constitui o maior grupo evangélico segundo os dados do IBGE nos censos de 2002 e 2010.

Destaca-se a presença destes grupos em espaços marginalizados, e que a espaço-temporalidade de sua territorialidade fugaz, oriunda de sua base simbólico-religiosa-organizacional flexível e de formação de lideranças “leigas”, permite uma maior difusão sobre os espaços da Baixada Fluminense. De forma concomitante, os espaços marcados por uma desestruturação social, retroalimentam as possibilidades de sua difusão espacial do evangélicos, em especial dos pentecostais por assumirem dimensões culturais, simbólico religiosas que

<sup>8</sup> Trecho retirado de informativo oficial da Prefeitura Municipal de Mesquita. Disponível em < <http://www.mesquita.rj.gov.br/pmm/gestao-anterior/2015/12/13/mesquita-inaugura-monumento-religioso/> >. Acesso. 06 jun, 2019.

<sup>9</sup> Esse feriado é constituído por Lei Municipal nº 282 de 25 de julho de 2005, que estabeleceu esta data como dia de Adoração de Cristo, bem como promoveu Jesus Cristo como o Guardião Espiritual de Seropédica.

preenchem espaços: seja de sociabilidade seja de empoderamento ou de redes de ajuda ou resolução de problemas.

Existem inúmeras reverberações deste avanço sobre os espaços das cidades periféricas, aqui marcada pelo exemplo da Baixada Fluminense que podemos, pelo menos apontar: [a] difusão de novos templos que anima a organização interna das cidades; [b] construção de espaços simbólicos-monumentais, seja com criação de monumentos à Bíblia em praças ou com mudança de nomes de rodovias e avenidas; e [c] apropriação político-ideológica de espaços de representação política na cidade seja com representantes diretos ou indiretos

Os apontamentos feitos aqui não buscam eliminar o debate, porém instigar novas possibilidades reflexivas e abrir novas perspectivas de investigação sobre relação entre religião e espaço urbano, em especial sobre o segmento evangélico.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão de. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, 2ªed: CPAD, 1982.

ALVES, José Cláudio Sousa. **Dos barões ao Extermínio**: uma história de violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH CLIO, 2003.

ALVES, J. E.D; CAVENAGHI, S.; BARROS, L.F.W. Estradas da fé: os caminhos da difusão das filiações evangélicas no Rio de Janeiro. **XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014. Disponível em <  
<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/2128/2084>> Acesso. 2 jul.2019.

BIRMAN, Patricia; MACHADO, Carly. Violência dos Justos: Evangélicos, mídia e periferia da Metrópole. **RBCS** Vol. 27 n° 80, pp.55-69, outubro/2012.

CORREA, R. L. A.; ROSENDAHL, Z. . **Cultura, Espaço e o Urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. v. 1. 165p .

CORREA, A. M.. Festa da Irmandade da Boa Morte: a disputa pelo seu sentido. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. 1ed.Rio de Janeiro: EdUerj, 2008, v. 15, p. 249-278.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009

DAVIS, Mike. Planet of Slums. **New Left Review**, n.26, março/abril de 2004.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 1962.

ENNE, Ana Lúcia Silva. “**Lugar, meu amigo, é minha Baixada**”: Memória, representações sociais e identidades. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2002

GIL, S. F. F. e GIL, A. H. C. “Identidade Religiosa e Territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso”. In: Rosendahl, Z e Corrêa, R. L. (orgs.). **Religião, Identidade e Território**. Eduerj: Rio de Janeiro, 2001. pp. 39-56

GRACINO JUNIOR, Paulo; MARIZ, Cecília L. As igrejas pentecostais no censo de 2010. In. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. *Censo 2000*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Data do acesso 27/julho/2005

LAGO, Luciana Corrêa. A "periferia" metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In: **Cadernos IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Ano XXI, nº 2, p. 9 – 28, ago-dez 2007

LÉFÈBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

MACHADO, Mônica Sampaio. A Territorialidade Pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião.. **Revista espaço e cultura** . Rio de Janeiro: Uerj. V.nº4, p. 37-51, 1997(a)

\_\_\_\_\_. “A Lógica da reprodução pentecostal e sua expressão espacial”. In: SANTOS, Milton. **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. 3ªed. São Paulo: Hucitec. 1997(b)

OLIVEIRA, Leandro Dias. A emersão da região logístico-industrial do Extremo Oeste Metropolitano fluminense: reflexões sobre o processo contemporâneo de reestruturação territorial-produtiva, **Espaço e Economia** , 7 | 2015. Disponível em <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1814>; DOI : 10.4000/espacoeconomia.1814

OLIVEIRA, Rafael. da S. **Baixada Fluminense novos estudos e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. Paradigma. 2004.

RODRIGUÉZ, Jean Carlos. A segregação urbana e o papel das igrejas evangélicas. **VII colóquio Internacional de Geocrítica**. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/7-colrodrigues.htm>>. Acesso 25 jun. 2005

ROCHA, André Santos da. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região. **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Ano 3, n.º 6, Janeiro / Junho de 2015. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/1677>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015. DOI : [10.4000/espacoeconomia.1677](http://dx.doi.org/10.4000/espacoeconomia.1677)

\_\_\_\_\_. “Nós não temos nada a ver com a Baixada” - problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**. Ano 3 Número 4, pp. 1-22 Janeiro – Julho, 2013.



\_\_\_\_\_. A expansão religiosas das Igrejas Protestantes pentecostais na Baixada Fluminense. In: MORAES, Marcio. V.; CAVALCANTE, Gilene M.. (Org.). Globalização e Marginalidade. Transformações Urbanas.. 01ed.NATAL/RN: EDUFRRN, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: 2ª ed. EdUERJ, 2002

RIVEIRA, Paulo Barreira. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**. pp. 50-76, março, 2010.

SEGADA SOARES, Maria Teresinha de. “Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 2, n. 24, 1962

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade Estilhaçada** – Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense. 2006. 290f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, 2006.

SOUZA SANTOS, Douglas. “Não determinados”? a pulverização evangélica e o problema metodológico do Censo Brasileiro. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 03-23, 2018